

SOCIALISMO E ANARQUIA NA CONCEPÇÃO DE ERRICO MALATESTA

SOCIALISM AND ANARCHY IN ERRICO MALATESTA'S CONCEPTION

Claudio Ricardo Martins dos Reis¹

Resumo: São dois os problemas centrais a serem analisados no presente texto: (a) quando falamos em socialismo e anarquia estamos nos referindo a conceitos que pertencem mais propriamente ao domínio da ciência ou da ideologia? E, (b) que relações conceituais existem entre socialismo e anarquia? Essas questões serão tratadas tendo em vista a concepção de um autor em particular, o teórico e militante anarquista Errico Malatesta. Assumindo que nosso autor seja desconhecido da maioria dos pesquisadores e estudantes de Filosofia, o presente texto inicia citando brevemente alguns aspectos de sua vida e de sua militância. Depois, é abordada a crítica de Malatesta referente a um socialismo e um anarquismo supostamente científicos, apresentando sua concepção que os entende como doutrinas (ideologias). Essa distinção entre as categorias ciência e ideologia fornece à Malatesta uma crítica às abordagens deterministas de transformação social, fortalecendo sua visão voluntarista que traz elementos do materialismo e do idealismo clássicos. Por fim, é tratada a concepção malatestiana sobre a relação entre socialismo e anarquia, seus significados, suas similitudes e possíveis diferenças. Neste exame são também abordados termos caros à análise de Malatesta e dos anarquistas em geral, como a distinção teórica entre autoritários e libertários, que é comumente traduzida na distinção prática entre centralistas e federalistas.

Palavras chave: Ciência. Ideologia. Determinismo. Voluntarismo. Federalismo.

Abstract: There are two central issues to be analyzed in this text: (a) when we talk about socialism and anarchy we are referring to concepts that belong more properly to the domain of science or ideology? And, (b) what are the conceptual relations between socialism and anarchy? These issues will be addressed from a particular author, the anarchist theoretical and militant Errico Malatesta. Assuming Malatesta to be an unknown figure to the majority of philosophy students and researchers, this text begins with a brief citation regarding some aspects of his life, his work, and his activism. Subsequently, I've addressed Malatesta's criticism on the supposedly scientific view of socialism and anarchism, presenting his conception of the subject, that understands both as ideologies (doctrines). This distinction between the categories science and ideology grounds Malatesta's critique of deterministic approaches of social change and strengthens his proactive vision, that combines elements of both classical materialism and classic idealism. Finally, I discuss Malatesta's conception of the relationship between socialism and anarchy, their meanings, their similarities, and possible differences. I also discuss terminology that is important to Malatesta's and other anarchists' analysis, like the theoretical distinction between authoritarian and libertarian, which is commonly translated in the practical distinction between centralists and federalists.

Keywords: Science. Ideology. Determinism. Voluntarism. Federalism.

* * *

¹ Biólogo, Graduando em Filosofia e Mestrando em Ecologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista CAPES. E-mail: claudiormreis@gmail.com

1. Errico Malatesta: uma vida dedicada à militância

Malatesta foi um importante militante e teórico anarquista italiano. Nasceu em dezembro de 1853 numa pequena cidade situada na província de Caserta. Filho de uma família de comerciantes, teve condições para estudar num Liceu e, posteriormente, ingressar na Faculdade de Medicina (Universidade de Nápoles). No entanto, não finalizou o curso e acabou por trabalhar em diferentes ofícios ao longo da vida, como os de mecânico e de eletricista. Quando jovem, acreditou, por um pequeno período de tempo, no republicanismo de Giuseppe Mazzini. Torna-se anarquista ainda em 1871, com 17 anos de idade, após ingressar na sessão italiana da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Sofreu grande influência de Mikhail Bakunin nesse processo. Em 1872, participa do Congresso de Saint-Imier, realizado após a expulsão de Bakunin e Guillaume da AIT e a inconformidade da ala libertária com o ocorrido. Neste congresso, funda-se a chamada Internacional Antiautoritária, que dá continuação à Internacional fundada em 1864 e que segue até 1877. A partir daí até sua morte, o que somam mais de 60 anos, Malatesta foi um ardente defensor do anarquismo. Passou metade de sua vida no exílio e esteve preso durante mais de 10 anos. Atuou em quatro dos cinco continentes (distintas localidades na Europa, Américas, África e Ásia) e participou de diversas organizações especificamente anarquistas e de organizações e movimentos de massa.

Malatesta teve também um intenso trabalho de propaganda oral e escrita. No entanto, diz-nos Vernon Richards, na introdução de sua grande obra com textos compilados de Errico Malatesta, que “o fato de que os historiadores o vejam mais como um agitador revolucionário do que como um pensador explica em parte o tratamento superficial que fazem do papel de Malatesta no que chamam o ‘movimento histórico anarquista’” (RICHARDS, 2007, p. 9). Ele destaca: “Neste volume eu deixei deliberadamente na penumbra o homem para poder acentuar suas ideias, porque todo o mundo reconhece Malatesta como homem de ação, mas poucos compreendem quão valiosas, originais e realistas foram suas ideias” (RICHARDS, 2007, p. 11) e continua logo em seguida “[n]o entanto, se há mérito nelas, sua principal fonte constitui a experiência de Malatesta na luta do dia a dia e sua identificação com o povo trabalhador por considerar-se um de seus membros” (RICHARDS, 2007, p. 11). Alexandre Samis e colaboradores afirmam a grandeza de Malatesta da seguinte forma:

Não resta dúvida de que, em igual estatura de um Kropotkin ou

Reclus, Malatesta foi um dos mais criativos intérpretes do movimento social de seu tempo. Soube revigorar as teses centrais do anarquismo articulando-as às mais prementes necessidades da classe trabalhadora. Não foi menos capaz de dar consequência ao federalismo, à gestão operária, à autonomia e simultaneamente reconhecer seus mais destacados inimigos ainda que estes estivessem sob a legenda do socialismo. Não fez menos oposição ao reformismo, por entender que a concessão a essa linha de conduta implicava a celebração da promiscuidade com tudo aquilo que se pretendia destruir. (SAMIS, LIRA e MOTTA, 2014, p. 38)

2. Socialismo e anarquia: ciência ou ideologia?

Podemos afirmar que uma das contribuições mais importantes de Errico Malatesta ao campo da epistemologia – e o caracteriza em certa medida como um indivíduo “à frente de seu tempo” – é a distinção que ele traça entre as categorias ciência e ideologia/doutrina. Tal contribuição não é apenas relevante para uma análise comparativa entre Malatesta e outros autores dos séculos XIX e XX, mas possui ainda fundamental atualidade.

Em 1880, Friedrich Engels publicava *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. Engels finaliza essa obra, que foi considerada por Karl Marx como “uma introdução ao socialismo científico”, da seguinte maneira:

A realização desse ato [a revolução proletária], que redimirá o mundo, é a missão histórica do proletariado moderno. E o socialismo científico, expressão teórica do movimento proletário moderno, destina-se a pesquisar as condições históricas e, com isso, a natureza mesma desse ato, infundindo assim à classe chamada a fazer essa revolução, à classe hoje oprimida, a consciência das condições e da natureza de sua própria ação. (ENGELS, 2008, p. 126)

Essa passagem traz de modo bastante claro a concepção de socialismo como necessidade histórica, possuindo uma forte carga teleológica. Além disso, são apontados os protagonistas desta “missão histórica”: o proletariado. Ainda hoje, a maioria dos marxistas defendem a existência de um suposto “socialismo científico”. Da mesma forma, Piotr Kropotkin, um dos maiores expoentes do anarquismo, traz elementos para se pensar um “anarquismo científico” em várias de suas obras, como em *Ajuda mútua: um fator de evolução*, de 1902, e em *Modern Science and Anarchism*, de 1913. Nesta obra, Kropotkin nos dirá que

[o] método de investigação [do anarquismo] é o das ciências naturais exatas e, se ele pretende ser científico, todas as suas conclusões

devem, necessariamente, ser verificadas pelo método a partir do qual toda conclusão científica deve ser verificada. Seu objetivo é construir uma filosofia sintética compreendendo, em uma generalização, todos os fenômenos da natureza – e, portanto, também, a vida das sociedades. (KROPOTKIN, 1970, p. 150, tradução livre)

Malatesta se dá conta da contradição que existe entre conceber o socialismo e o anarquismo como ciência e, ao mesmo tempo, como aspiração humana. Na época, a ciência era entendida de forma profundamente determinista, enquanto que, para Malatesta, a ideologia/doutrina fugiria a esse determinismo, por estar vinculada a aspectos do desejo humano. Malatesta assim questiona:

que significado podem ter as palavras vontade, liberdade, responsabilidade? Se não se pode modificar o curso premeditado dos acontecimentos humanos, como não se pode alterar o curso dos astros ou o crescimento de uma flor, para que servirá a educação, a propaganda, a rebelião? (MALATESTA *apud* LUTA LIBERTÁRIA, 2002a, p. 50)

A concepção trazida por Malatesta nega a ideia de um socialismo ou anarquismo científicos. Tratar-se-ia de uma mistura inadequada de conceitos que são distintos por natureza. Nas palavras de Malatesta:

o cientificismo (não digo a ciência) que prevaleceu na segunda metade do século XIX produziu a tendência de considerar verdades científicas, ou seja, leis naturais e, portanto, necessárias e fatais, o que era somente o conceito, correspondente aos diversos interesses e às diversas aspirações, que cada um tinha de justiça, progresso etc., da qual nasceu ‘o socialismo científico’ e, também, o ‘anarquismo científico’ que, mesmo professados por nossos grandes representantes, sempre me pareceram concepções barrocas, que confundiam coisas e conceitos distintos por sua própria natureza. (MALATESTA, 2007, p. 39-40)

Para Malatesta:

o anarquismo é, distintamente, uma aspiração humana, que não se funda em nenhuma necessidade natural verdadeira ou supostamente verdadeira, mas que poderá se realizar segundo a vontade humana. Aproveita os meios que a ciência proporciona ao homem na luta contra a natureza e contra as vontades contrastantes; pode tirar proveito dos progressos do pensamento filosófico quando estes servem para ensinar aos homens a raciocinar melhor e a distinguir com maior precisão o real do fantástico; mas não se pode confundi-lo, sem cair no absurdo, nem com a ciência e nem com qualquer sistema filosófico. (MALATESTA, 2007, p. 43)

Essas citações são suficientes para compreendermos a visão crítica de Malatesta

frente ao cientificismo determinista, comum nas análises sociais de sua época, e a diferença de abordagem que Malatesta preconiza. Para ele, o anarquismo pode se beneficiar da ciência e da filosofia, mas não pode ser reduzido a nenhuma destas áreas do conhecimento. O anarquismo, portanto, mesmo que pudesse interagir e se modificar com as descobertas da atividade científica e dos diversos sistemas filosóficos, estaria num campo distinto: o campo da ideologia. Malatesta nos diz ainda que a filosofia “pode servir de estímulo e de guia para a ciência, mas não é ciência” (MALATESTA, 2007, p.43), e que “a ciência satisfaz certas necessidades intelectuais e é, ao mesmo tempo, um instrumento muito eficaz de poder” (MALATESTA, 2007, p. 42). No seu entendimento, portanto, haveria áreas de intersecção entre os conjuntos *ciência*, *filosofia* e *ideologia*, mas também haveria áreas próprias de cada um destes conjuntos, de modo que deveria existir uma certa demarcação e, portanto, uma distinção fundamental entre estes campos.

Para Malatesta, o que demarca a ideologia (ele utiliza o termo doutrina) é a importância da *vontade humana*. O anarquismo não seria inevitável, uma necessidade histórica, mas a expressão de um desejo pela liberdade e pela igualdade, que depende, para se concretizar, da conscientização e de uma profunda organização da vontade do povo, visando o desmantelamento dos sistemas de opressão e a construção de um novo sistema baseado na solidariedade humana. É essa concepção *voluntarista* de Malatesta que o fez, na prática, ser um proponente convicto da propaganda e da organização para a transformação social. Para os socialistas que defendem teorias históricas deterministas, Malatesta ironiza: “[s]e, na prática, eles esquecem-se de ser fatalistas e trabalham pela revolução, nós desculamos de bom grado seu caprichos filosóficos e doutrinários” (MALATESTA, 2014a, p. 78).

É preciso destacar, porém, que o voluntarismo de Malatesta não é extremado a ponto de negar limitações estruturais. Se assim fosse, ele não poderia ser considerado um anarquista. Malatesta condena com todas suas forças os limites impostos pelo capitalismo e pelo Estado e, de modo mais geral, todas as instituições que “carregam o germe do autoritarismo”. Malatesta esteve ciente dos sistemas de opressão que agem numa esfera acima dos indivíduos, mas isso não o fez desacreditar na capacidade ao mesmo tempo combativa e criativa da humanidade. Para ele, a mudança necessária só ocorreria com a destruição das estruturas autoritárias vigentes, mas isso só poderia ocorrer com um esforço tremendo de organização e conscientização da classe oprimida. As alterações fundamentais não viriam simplesmente como decorrência de condições

econômicas, nem mesmo de interações entre condições econômicas e políticas, mas dependeriam fortemente de uma capacidade organizativa da classe trabalhadora, de uma potencialização das forças populares latentes na sociedade. Nas palavras de Malatesta:

Acreditamos [...] que a revolução é um ato de vontade – vontade dos indivíduos, vontade das massas; que ela exige, para ter sucesso, certas condições objetivas, mas que não acontece necessariamente, fatalmente, unicamente a partir de fatores econômicos e políticos. (MALATESTA, 2014a, p. 77)

Essa concepção a respeito da pluralidade de fatores que subjazem às transformações sociais irá moldar tanto sua análise da sociedade quanto o estabelecimento de prioridades para as suas ações. Sua visão de mundo, que parece quebrar a dicotomia clássica materialismo/idealismo, terá um profundo impacto sobre suas atividades. No trecho abaixo, Malatesta expõe de forma bastante clara seu posicionamento a respeito destas questões:

De tudo isso, deduzo que, antes de mais nada, é a ideia que deve animar a vontade, mas que são necessárias certas condições para que a ideia possa nascer e agir. Nosso velho programa acha-se assim comprovado uma vez mais, visto que ele proclama que a emancipação moral, a emancipação política e a emancipação econômica são indissolúveis, e que é necessário colocar as massas em condições materiais que lhes permitam desenvolver suas necessidades de ideal. (MALATESTA, 2014b, p. 240)

3. Socialismo e Anarquia: relações entre os conceitos

Malatesta inicia seu artigo *Socialismo e Anarquia*, de 1896, afirmando que “[a]o discutir-se questões de ordem moral e social, a maior dificuldade para se chegar à compreensão vem do sentido variado e incerto que se atribui às palavras” (Malatesta, 2014c, p. 43). Como exemplo, ele nos mostra que socialismo e anarquia são empregados às vezes como sinônimos e às vezes como termos antagônicos. Faltando, portanto, clareza na linguagem. Para Malatesta, “anarquia significa *sociedade organizada sem autoridade*, compreendendo-se autoridade como a faculdade de *impor sua vontade*” (MALATESTA, 1989, p. 72, grifo do autor), e o socialismo “implica que ninguém pode explorar o trabalho de outrem graças à monopolização dos meios de produção; que ninguém pode impor sua própria vontade a outros por meio da força bruta ou, o que é pior, graças à monopolização do poder político” (MALATESTA,

2014c, p. 48). Malatesta enfatiza que para se atingir o socialismo é necessária a anarquia, e que para se atingir a anarquia é preciso o socialismo. Em suas palavras:

[o] socialismo sem a anarquia, ou seja, o socialismo de Estado, parece-nos impossível, pois seria destruído por este mesmo órgão que deveria mantê-lo: o Estado. A anarquia sem o socialismo parece-nos igualmente impossível, pois ela só poderia ser, neste caso, a dominação dos mais fortes e resultaria rapidamente, por consequência, na organização e na consolidação desta dominação – ou seja, no estabelecimento de um governo. (MALATESTA, 2014c, p. 50)

Por isso, no seu entendimento, “*socialismo e anarquia* são termos que não são nem opostos nem equivalentes, mas estreitamente ligados um ao outro” (MALATESTA, 2014c, p. 50, grifo do autor). O Estado, este sim, como pode ser deduzido da citação acima, estaria em real contradição com o socialismo e a anarquia. Para Malatesta, o Estado é um órgão eminentemente autoritário, por serem as decisões tomadas “de cima para baixo” e asseguradas pela força através de polícia, exército, etc; é visto como uma instituição hierárquica e centralista que possui um braço armado para fazer valer suas decisões. Dessa forma, mesmo admitindo que o Estado hoje sirva ao interesse da classe burguesa, Malatesta nega a possibilidade do Estado servir, em algum momento, ao interesse dos trabalhadores. O Estado não seria um órgão a ser moldado da forma que se queira; por sua própria natureza, não seria possível transformá-lo em instrumento de libertação. Para Malatesta:

É um preconceito marxista, senão do próprio Marx, acreditar que o poder político, o governo, defende sempre, e em tudo, os interesses da classe do qual ele originou-se: ele serve sobretudo os interesses dos governantes e cria em torno dele uma classe privilegiada para que ela defenda-o. Se olharmos bem a História, foi sempre o poder político que criou o privilégio econômico, e foi sempre o homem armado que obrigou os outros a trabalhar para ele. (MALATESTA, 2014d, p. 148-149)

Malatesta nos diz que “[o]s partidos do governo são, no plano político, o que as classes proprietárias são no plano econômico” (MALATESTA, 2014e, p. 56) e que “[a]í está o problema: ou as coisas são administradas segundo os livres acordos dos interessados, e então é a anarquia; ou elas são administradas segundo a lei feita pelos administradores e, então, é o governo, é o Estado, que é fatalmente tirânico” (MALATESTA, 2014e, p. 57). O socialismo entraria em contradição com o Estado na medida em que o ideal socialista é o de “uma sociedade de seres livres e iguais, sem supremacia nem divisão em classes” (MALATESTA, 2014e, p. 51), e a anarquia

precisaria do socialismo na medida em que “a primeira condição para viver é produzir, [logo] a livre disposição para todos do solo, das matérias-primas e dos instrumentos de trabalho é a condição preliminar da liberdade” (MALATESTA *apud* LUTA LIBERTÁRIA, 2002b, p. 82). É com base nesse entendimento que Malatesta estabelece as relações entre socialismo e anarquia. Além disso, é fundamentando-se nesse quadro de relações e com um objetivo claro em mente que Malatesta faz a distinção entre estratégias que estariam de acordo com os fins almejados e estratégias criticáveis por estarem em desacordo com tais fins.

Precisamos agora esclarecer uma mudança terminológica importante para evitar confusão em nossa análise. Com a consolidação da chamada Internacional Socialista (1889-1916), também conhecida como Segunda Internacional, e o conseqüente avanço da social-democracia no movimento socialista, parte dos anarquistas deixarão de se intitular socialistas, não porque tenham mudado de opinião, tática ou objetivo, mas simplesmente para não serem confundidos com os socialistas reformistas. Malatesta diz-nos:

Na Itália, o socialismo é, desde o início, anarquista, e durante longos anos fomos e nos chamamo-nos de socialistas, considerando, como continuamos a fazê-lo, que não pode existir socialismo sem liberdade, sem anarquia. Mais tarde, a corrente parlamentarista e colaboracionista levou a melhor entre os socialistas: ao separar-se do anarquismo, o socialismo caiu em tantos "tratados de vendidos" com os governos e com as classes dirigentes que acabamos deixando a denominação de socialistas. (MALATESTA, 2014f, p. 156-157)

Noutro momento, Malatesta irá novamente enfatizar essa mudança de denominação dando destaque ao fato de que isso não decorreu de uma alteração na concepção dos anarquistas, mas sim devido ao abismo cada vez maior que os social-democratas criavam frente ao anarquismo. É interessante notar, também, como ressaltado por Malatesta, que o socialismo na Itália – e em outros países europeus de língua latina – preconizava desde sua formação o federalismo e a ação direta. Além dos fatores a recém mencionados, Malatesta enumera as duas principais diferenças entre os anarquistas e os socialistas reformistas, as quais são, também, as distinções centrais entre os primeiros e os socialistas estatistas que preconizam a necessidade da revolução:

fomos os primeiros, na Itália, a explicar e a difundir o socialismo, e [...] se abandonamos o nome de socialistas, não foi porque nossas ideias tivessem mudado, mas para evitar sermos confundidos, nós, anarquistas socialistas, com os socialistas democratas.

Nós nos separamos destes últimos, ou melhor, eles separaram-se de nós, seja por razões de tática – éramos a favor de que se derrubasse o poder político, e eles, de conquistá-lo –, seja em relação à maneira como, em nossa opinião, o socialismo deveria ser realizado: somos libertários, e eles, autoritários. (MALATESTA, 2014g, p. 111)

Essa menção à mudança no significado do termo *socialista* nos escritos de Malatesta é fundamental para essa análise, pois só assim compreenderemos que não há contradição real entre seu pensamento antes e depois do advento da social-democracia. Dessa forma, mesmo se dizendo inicialmente socialista e posteriormente afirmando que “os socialistas são parlamentaristas ou partidários da ditadura” (MALATESTA, 2014h, p. 87), isso não significa que Malatesta oscilou entre um socialismo autoritário e o anarquismo, ou entre o individualismo e o socialismo. Seu pensamento continuou o mesmo quanto a isso, o que mudou foi o significado que ele deu ao termo *socialista*. Afirmar que Malatesta tenha defendido alguma forma de individualismo porque fez crítica aos socialistas e a certas concepções do anarquismo é um erro que provém de uma análise bastante superficial, interessada mais por etiquetas do que pelos diferentes conteúdos que elas podem carregar. Como afirmou acertadamente o coletivo Luta Libertária:

Ultimamente algumas pessoas no meio libertário tem repetido a afirmação de que Malatesta foi individualista em algum momento de sua vida. Uma mentira grosseira, que não encontra argumento em nenhum texto ou atitude de Malatesta, que até o final da vida conservou-se lúcido e combateu o individualismo. É certo que terminou a vida isolado, guardado em prisão domiciliar pela polícia fascista, sem poder receber visitas, sem poder escrever suas cartas e receber sua correspondência. Foi isolado pelo fascismo, reduzido à "individualidade" à força. Foi de fato "individualizado" pelas mãos fascistas. (LUTA LIBERTÁRIA, 2002a, p. 52)

Malatesta enunciou, na citação mais acima, um elemento caro e comum à análise dos anarquistas: a distinção entre *libertários* e *autoritários*. Os anarquistas seriam libertários porque negam a utilização do Estado para se chegar ao socialismo; os socialistas de Estado seriam autoritários porque afirmam a necessidade de ampliação do monopólio do poder nas mãos do Estado. Como a instituição estatal é inevitavelmente autoritária na visão dos anarquistas, todas as ideologias que afirmam a necessidade do Estado acabam por cair em vertentes políticas autoritárias. Para o nosso exame, que foca nas ideologias que se intitulam socialistas, tanto a vertente estatista revolucionária quanto a reformista consistiriam em doutrinas eminentemente autoritárias.

O que no plano filosófico ou teórico se distingue pelos termos *libertário* e *autoritário*, no plano da prática se diferencia pelas ideias de *federalismo* e *centralismo*. Há uma correspondência entre estes conceitos: podemos dizer que em geral os federalistas são libertários enquanto os centralistas são autoritários. Certamente os socialistas de Estado não se veem como autoritários, mesmo que se digam defensores do centralismo. Mas isso apenas demonstra que a forma centralista de tomada de decisões não é entendida por eles como uma afronta à liberdade. A visão dos anarquistas é distinta, e pode ser apresentada nas palavras de Rudolf Rocker:

[o] centralismo [...] é a unidade artificial de cima para baixo, que busca alcançar seu objetivo pela uniformização da vontade e pela eliminação de toda iniciativa independente – a unidade de ação de um teatro de marionetes, no qual cada personagem salta e dança ao bel-prazer daquele que puxa os cordões nos bastidores. Que o Estado veja na centralização a mais perfeita forma de organização é completamente natural [...]. Com efeito, para o Estado, a uniformização do pensamento e da ação é uma condição prévia essencial de sua própria existência. Ele odeia e combate a iniciativa pessoal, a reunião voluntária das forças nascida da solidariedade interna [...]. Nenhuma ação sem ordem, nenhuma decisão sem inspiração de cima. Uma burocracia dessecada e uma imitação sem espírito de formas prescritas, tais são as inevitáveis consequências de toda centralização. (ROCKER, 2007, p. 132-133)

René Berthier, em seu livro *Do Federalismo*, apresenta-nos a forma política alternativa defendida pelos anarquistas de maneira bastante elucidativa e concisa quando afirma que

o federalismo é um modo de organização no qual cada instância constitutiva do organograma é autônoma, no que diz respeito às questões que a concernem diariamente, e que delega, por intermédio de um ou vários representantes designados, uma parcela de sua soberania nas instâncias superiores do organograma para as questões que ultrapassam seu próprio campo de intervenção. Não há, portanto, nem captação de todo o poder pelo cume (centralismo), nem atomização do poder (autonomismo). (BERTHIER, 2011, p. 31-32)

A concepção federalista, que teve origem na classe operária francesa, desenvolvendo-se na Primeira Internacional (1864-1877) e na Comuna de Paris (1871), constituiu um dos pilares centrais da ideologia anarquista (para um breve resumo, ver Corrêa, 2010). Como afirma Alexandre Samis (2011), a história da Primeira Internacional pode ser lida, até seu rompimento em 1872, como um conflito entre federalistas e centralistas. Provavelmente, esse conflito só não apareceu de modo claro na Comuna de Paris devido a sua brevíssima existência (cerca de três meses).

Após essa elucidação de conceitos caros à nossa análise – como socialismo, anarquia e federalismo – e de suas relações, temos elementos para uma aproximação da crítica malatestiana às vertentes estatistas do socialismo. Já é possível compreender sua discórdia para com aqueles que desejam alcançar o socialismo por meio do Estado. Mas isso envolve o polêmico e interessante debate sobre estratégias políticas, o que extrapola o objetivo do presente texto.

4. Considerações finais

Procurou-se, nas páginas acima, fazer um breve esclarecimento sobre quem foi o teórico e militante Errico Malatesta e sua concepção a respeito do socialismo e da anarquia. Logo após a citação de aspectos relacionados à sua vida e seu ativismo, apresentou-se a crítica malatestiana frente à concepção do socialismo e do anarquismo como ciências. Foram esboçados os questionamentos de Malatesta e sua defesa de que socialismo e anarquia são doutrinas (ideologias). Ele concebe a existência de interações entre os domínios da filosofia, da ciência e da ideologia, mas compreende que há especificidades em cada um deles. Malatesta classifica o anarquismo e o socialismo como ideologias na medida em que constituem uma aspiração humana, um desejo que depende da vontade de indivíduos para se concretizar. Ele desenvolve, ainda, a ideia de que certas condições materiais são necessárias para se alcançar a anarquia, mas não são suficientes. Além destas condições, que seriam basicamente político-econômicas, haveriam fatores relacionados à vontade e a ideais, que deveriam ser traduzidos em atividades organizativas e de conscientização, de modo que sem estes fatores não haveria a transformação desejada. Essa visão coloca Malatesta numa posição intermediária de um perfil que vai do materialismo a um idealismo extremados. Dito de outra forma, Malatesta de fato rompe com a dicotomia clássica materialismo/idealismo. Isso terá consequências para sua concepção em termos de planejamento estratégico, que envolverá uma pluralidade de fatores.

Como já mencionado, a análise malatestiana destaca que para se atingir o socialismo é necessária a anarquia, e para se alcançar a anarquia é preciso o socialismo. Estes seriam termos que não são “nem opostos nem equivalentes, mas estreitamente ligados um ao outro”. A instituição estatal – por representar o monopólio do poder político, por tomar decisões “de cima para baixo” e por contar com um braço armado para fazer valer tais decisões – estaria em contradição com o socialismo e com a

anarquia. A forma política preconizada para possibilitar a organização social sem autoritarismo seria o federalismo (no sentido libertário do termo), uma alternativa ao centralismo e ao autonomismo absoluto.

Malatesta entende que a anarquia só é possível num sistema socialista, mas este socialismo nada tem a ver com o Estado. A instituição estatal não seria um meio para se alcançar o socialismo e a anarquia. Tanto as reformas por meio do Estado quanto a utilização deste órgão autoritário como etapa transitória na revolução seriam condenadas por Malatesta, que vê a necessidade de desmantelá-lo e não de conquistá-lo. Na análise malatestiana, os meios precisam estar de acordo com os fins; e socialismo e anarquia envolvem democratização radical do poder. Dessa forma, toda monopolização do poder, seja nas mãos do Estado, de corporações privadas ou do que quer que seja, entrará em conflito com tais fins, e não poderá constituir meios adequados nem estratégias apropriadas. Para Malatesta, socialismo e anarquia são indissolúveis – não se alcança um sem o outro –, e o principal motivador de sua vida foi o trabalho para que este ideal fosse realmente concretizado na sociedade.

Referências

- BERTHIER, R. *Do Federalismo*. São Paulo: Editora Imaginário, 2011.
- CORRÊA, F. (Introdução). Política, Classe e Transição: o debate clássico entre as estratégias do anarquismo e do marxismo. In: *Poder, Classe Operária e "Ditadura do Proletariado"*. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2010.
- ENGELS, F. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. São Paulo: Sundermann, 2008.
- KROPOTKIN, P. "Modern Science and Anarchism". In: *Kropotkin's Revolutionary Pamphlets*. Nova York: Dover Publications, 1970.
- LUTA LIBERTÁRIA (org.). Malatesta e Luigi Fabbri: O anarco-comunismo organicista. In: *Errico Malatesta e Luigi Fabbri: Anarco comunismo italiano*. São Paulo: Coletivo Editorial LL, 2002a.
- _____. Malatesta: fragmentos. In: *Errico Malatesta e Luigi Fabbri: Anarco comunismo italiano*. São Paulo: Coletivo Editorial LL, 2002b.
- MALATESTA, E. A organização I. In: *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Novos Tempos, 1989.
- _____. "Anarquismo y Ciencia". In: RICHARDS, Vernon (org.). *Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires: Anarres, 2007.
- _____. Questão de Honestidade: Os Socialistas e Nós. In: *Errico Malatesta: Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014a.
- _____. "Idealismo" e "Materialismo". In: *Errico Malatesta: Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014b.
- _____. Socialismo e Anarquia. In: *Errico Malatesta: Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014c.
- _____. Insurreição, Liberdade e Ditadura. In: *Errico Malatesta: Anarquistas,*

- Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014d.
- _____. O Estado Socialista. In: Errico Malatesta: *Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014e.
- _____. Novamente sobre o Comunismo e a Anarquia. In: *Errico Malatesta: Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014f.
- _____. "Socialistas"? In: *Errico Malatesta: Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014g.
- _____. Infiltrações Burguesas na Doutrina Socialista. In: *Errico Malatesta: Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014h.
- RICHARDS, V. (org.) *Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios*. Buenos Aires, Anarres, 2007.
- ROCKER, R. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007.
- SAMIS, A. *Negras Tormentas: o Federalismo e o Internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.
- SAMIS, A.; LIRA, J.; MOTTA, K. O Anarquismo de Proudhon a Malatesta. In: *Errico Malatesta: Anarquistas, Socialistas e Comunistas*. São Paulo: Intermezzo/Imaginário, 2014.